

KORNBLUH, Anna. *Immediacy, or the Style of too Late Capitalism*. London: Verso Books, 2024. 240p.

Alysson Tadeu Alves de Oliveira

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo | SP | BR
aly.oliveira@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-3447-002X>

Matheus Camargo Jardim

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo | SP | BR
matheus.jardim@usp.br
<https://orcid.org/0009-0004-5141-0437>

Em *Immediacy, or the Style of too Late Capitalism*, Anna Kornbluh faz uma relevante atualização da análise de Fredric Jameson sobre as contradições do capitalismo tardio, evidenciando a influência do pensamento materialista dialético na compreensão das dinâmicas culturais, econômicas e políticas contemporâneas.¹ A teórica investiga o declínio da representação social e a emergência de um imediatismo que privilegia a experiência direta e imersiva, observável em fenômenos culturais como exposições de arte imersiva e o uso de NFTs, que reconfiguram a interação com a arte e questionam noções de propriedade e autenticidade.

O primeiro capítulo, “Circulação”, discute a aceleração das dinâmicas de valor no capitalismo, marcadas pela ênfase na circulação em detrimento da produção. A autora aponta crises ambientais e a lógica da *gig economy* como reflexos da supremacia da circulação, que engendra estagnação e instabilidade econômica. Movimentos de resistência, como os ambientais e indígenas, são destacados por sua crítica à insustentabilidade do modelo capitalista e pela proposta de paradigmas alternativos que enfatizam a proteção ambiental e a sustentabilidade.

Utilizando o conceito de ideologia de Althusser, Kornbluh analisa o imediatismo como um fenômeno que se manifesta na simplificação midiática propiciada pelas novas tecnologias. Esse processo oculta as relações materiais subjacentes e promove uma cultura de interação rápida, exacerbando a alienação e a fragmentação social. A promessa de democratização inicial da internet dá lugar a uma crescente divisão entre consumidores e produtores de conteúdo, com as dinâmicas de monetização das redes sociais intensificando a comercialização da atenção e das interações humanas.

No segundo capítulo, “Imaginário”, a autora explora como o imediatismo influencia a percepção e a cognição, enfatizando a rapidez no processamento visual e a prevalência de interfaces intuitivas que favorecem a circulação acelerada de imagens. Essa tendência reforça

¹ Esta resenha foi produzida com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2024/00806-0, cuja bolsa foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.



um narcisismo digital e uma economia da reputação, que priorizam a visibilidade e homogeneizam experiências culturais. Kornbluh argumenta pela necessidade de valorizar a mediação e a complexidade como antídotos à superficialidade e à erosão da qualidade comunicativa.

No terceiro capítulo, “Escrita”, Anna Kornbluh aborda a transição da ficção narrativa tradicional para a autoficção, um fenômeno alinhado ao capitalismo tardio e sua busca por autenticidade, exemplificado por autores como Karl Ove Knausgaard e Rachel Cusk, que rejeitam as convenções ficcionais em favor de crônicas detalhadas da vida cotidiana, refletindo uma cultura de imediatismo focada na autoexposição. Essa tendência de singularização e desmediação literária prioriza a expressão pessoal direta em detrimento da complexidade narrativa e exploração de temas coletivos, restringindo as possibilidades de representação profunda.

Kornbluh critica essa movimentação, argumentando a favor de uma literatura que mantenha a mediação e complexidade narrativa para fomentar reflexão crítica. Ela destaca que, embora figuras como Ocean Vuong sejam celebradas por sua “autoexpressão genuína”, a popularidade da autoficção sugere uma ênfase na rápida circulação de informações e na expressão individual como mercadoria, refletindo um processo de homogeneização que afeta a cultura literária. Baseando-se no pensamento dialético de Theodor Adorno e Fredric Jameson, Kornbluh questiona a autenticidade reivindicada pela autoficção e defende uma literatura que encoraje a complexidade, a mediação, e a reflexão crítica, capaz de desafiar as realidades sociais e econômicas e preservar a provocação essencial da ficção.

No quarto capítulo, “Vídeo”, Anna Kornbluh oferece uma análise sobre a imediatez na cultura contemporânea, usando o filme *Uncut gems* como caso de estudo principal. Ela explora como técnicas cinematográficas, incluindo o que chama de “cinematografia de colonoscopia”, planos fechados extremos, cortes rápidos, e uma atenção à textura e movimento, contribuem para um estilo visual de imediatez, uma estética digitalmente desmediação que reflete e critica as dinâmicas do capitalismo tardio. Esse estilo, exemplificado pela história de desejo de consumo em Nova York que *Uncut gems* narra, imerge o espectador numa experiência intensificada pela música sintetizada e um som caótico, transformando-o de observador a cúmplice na trama.

No quinto e último capítulo, “Antiteoria”, Anna Kornbluh oferece uma crítica à dominância na teoria crítica contemporânea de uma abordagem que privilegia a expressão individual e práticas atomizadas em detrimento da coletividade e representações críticas. Através da análise da proposta de Bernard Harcourt para renovar a teoria crítica valorizando espaços colaborativos, Kornbluh identifica uma tendência para a “antiteoria”, caracterizada pelo foco em autenticidade pessoal e experiências singulares, o que implica uma mudança estilística e gramatical significativa na escrita teórica, com ênfase na primeira pessoa e uma rejeição às formas tradicionais de expressão. Essa tendência, que se popularizou nos anos 2000 através da *autotheory* – uma mistura de análise teórica e narrativas pessoais influenciadas por teorias feminista, *queer*, psicanalítica, e foucaultiana – promove uma abordagem “antidisciplinar”, confessional e lúdica que questiona instituições tradicionais.

Kornbluh ressalta, porém, as limitações dessa tendência, apontando para a potencial negligência da teoria como ferramenta para mobilização coletiva e análise de dinâmicas sociais. Ela critica o nihilismo contemporâneo que enfatiza a negação e a imediatez, subestimando a capacidade de mudança positiva e promovendo uma rejeição das estruturas sociais e políticas. Esse nihilismo, exacerbado pela cultura de instantaneidade e lógicas

algorítmicas, limita a agência a atos de desarticulação, desencorajando ações específicas e efetivas para a mudança.

A abordagem crítica de Kornbluh é vital para entender e contrapor a lógica circulatória do capitalismo, que prioriza a velocidade e a efemeridade, prejudicando a capacidade da arte e da teoria de promover mudanças significativas. A contribuição de Kornbluh para o campo dos estudos culturais e da teoria crítica é um lembrete oportuno da importância de abordagens que integram análise teórica profunda com a prática engajada. Seu trabalho desafia leitores e espectadores a questionar as premissas do imediatismo e a explorar formas de interação e representação que promovam um entendimento mais rico e com nuances do mundo.

Por fim, *Immediacy, or the Style of too Late Capitalism* não apenas diagnostica as condições culturais e econômicas de nossa época, mas também oferece um caminho para a reflexão e a ação. Ao enfatizar a necessidade de resistência ao imediatismo, Kornbluh inspira uma reavaliação das práticas culturais e teóricas, apontando para a possibilidade de uma sociedade mais reflexiva, crítica e justa. Seu apelo à valorização da mediação – mesmo que ela mesma tenha pouco se valido de mediações econômicas e políticas tal como Fredric Jameson nos impele a fazer em sua obra –, da complexidade e do coletivo é um convite à reimaginação das formas através das quais nos engajamos com a arte, a literatura e a teoria, em busca de futuros alternativos.

Referências

KORNBLUH, Anna. *Immediacy, or the Style of too Late Capitalism*. London: Verso Books, 2024. 240p.